

## D. QUIXOTE À PRO-CURA DE UM LUGAR

Celia Mattos

Primeiro movimento: Existe ainda um lugar?

“*Yo sé quien soy*”. De que lugar faz D. Quixote essa afirmação veemente? De um lugar de La Mancha é a resposta. Seria esse lugar significativo o suficiente para o tomarmos como referência? Arriscaremos que não. Caso fosse importante, não cuidaria o narrador de indicá-lo com artigo indefinido: “*un lugar de la Mancha*”, nem de deixar clara sua intenção de esquecê-lo – “*de cuyo nombre no quiero acordarme*”.

Estaria falando de sua casa? Embora já tivesse saído de casa, isso aconteceu de modo tão tímido e velado, “*sin dar parte a persona alguna de su intención y sin que nadie le viese [...] y por la puerta falsa de un corral salió al campo*”, que torna compreensível que seu vizinho Pedro Alonso ainda o considerasse “*el honrado hidalgo del señor Quijana*”, mesmo já paramentado de lanças e armaduras. Assim, preferimos tomar a célebre frase ainda na perspectiva de seu lar (Cervantes, 2004, p. 58).

Para que lugar se dirige D. Quixote? Apesar da ação dinâmica que marca sua saída dos livros para a vida cavalheiresca, nosso herói não tem destino espacial. Basta observarmos a naturalidade com que se entrega às patas irracionais de seu cavalo: “*prosiguió su camino, sin llevar otro que aquel que su caballo quería*” (*Ibidem*, p. 35).

A não ser que, cheio de nostalgia, ansiasse por outro lugar; para ser mais preciso, um tempo-lugar que, tanto podia ser “*la dichosa edad*”, um tempo-lugar ideal, ou um tempo de musas que trazia na memória (*Ibidem*, p. 97).

E o que faz D. Quixote “*en un lugar de La Mancha*”? “*Los ratos que estaba ocioso – que eran los más del año, se daba a leer libros de caballería*”. Alonso Quijano não faz nada: só lê. Lê tanto que acaba enlouquecendo. Mas ler não ocupa lugar. Claro que sim: lugar tem muitos sentidos. Ao ler, D. Quixote ocupa o lugar de leitor. Entretanto, já tinha lido demais,

“*se le pasaban las noches leyendo de claro en claro y los días de turbio en turbio*” (*Ibidem*, p.28-9), já não queria ler mais. O texto não diz os motivos que o levaram a abandonar a leitura. No entanto, é indiscutível que aquela leitura provocava em D. Quixote alterações de comportamento. No depoimento de sua sobrinha, vemos D. Quixote atirando longe os livros, substituindo-os pela espada e lutando com inimigos invisíveis.

É como se algo ali lhes faltasse. De modo que, além de provocá-lo à efetiva participação na ação, o impelia até a fazer alterações no que neles estava escrito: “*y muchas veces le vino deseo de tomar la pluma y dalle fin al pie de la letra*”. Apesar do ímpeto evidente do escrever, não foi essa sua opção. Ele mesmo confessa que “*sin duda alguna lo hiciera*” se “*otros mayores y continuos pensamientos no se lo estorbaran*” (*Ibidem*, p. 29). Vê-se que está instalado um conflito entre o fidalgo e o que lia. Por isso, precisava sair daquele lugar, precisava buscar outro.

Poderíamos investigar se o que provocava tal reação estava no fato de aquelas novelas não serem de boa qualidade, dado perfeitamente comprovado pelos paladinos da profilaxia literária – os senhores do escrutínio, que as declaravam cheias de mentira, o suficiente para tirar a paz de D. Quixote no tocante a lançar-se ou não num universo cavalleiresco ilegítimo. Mas, por outro lado, aquelas mesmas novelas de cavalaria transitam na obra por tal raio de ambiguidades, sendo capazes de cobrir desde a possibilidade de serem mentira – um dos grandes dilemas enfrentados na caracterização da ficção naquela época – até servirem, elas mesmas, de instrumento com o qual D. Quixote, farto das insinuações do “*canónigo*” de serem mentirosas, o desafia, reproduzindo a voz misteriosa que vem do lago – “*iarrójate!*” –, a um mergulho, convocando-o à leitura, única forma de alcançar a verdade da obra e acabar, assim, com seu dilema (*Ibidem*, p. 509-15). Isso nos mostra não ser esse dado – boa ou má qualidade – significativo o suficiente, pelo menos por enquanto...

Revisemos os dados aqui elencados: D. Quixote, no contraditório liame fidalgo-cavaleiro, e nem bem saído de casa, afirma “*Yo sé quien soy*”. Tal afirmação ele faz, ainda nas cercanias de casa. E, ao mesmo tempo em que, determinado, sai, não sabe para onde ir. Interessante é que esse contexto sugere bastante proximidade: D. Quixote está muito perto de casa e porque, quando faz tal afirmação, muito ainda guarda

de Alonso Quijano, está ainda muito perto de si. Mais contraditório é que, estando tão próximo e dizendo saber de si, queira sair para um lugar desconhecido, em busca de outro, também desconhecido. Talvez, ao contrário da transparente evidência, *essa afirmação*, por ausência, signifique: “só não sei o que não sou”. Não podemos esquecer um detalhe: D. Quixote só não alterou os textos das novelas de cavalaria porque “*otros mayores y continuos pensamientos [...] lo estorbaran*”. Eis que entra, mais um componente – o pensamento. Está montada, a equação: ser – saber – pensar. Há de se considerar, também, que aquela nostalgia de um tempo-lugar, ainda que reporte ao passado, pode chegar ao presente e alcançar o futuro.

Mas é assim mesmo; por onde anda o ser, qualquer movimento é sempre dissimulado. Isso justifica seu conflito na leitura: estar, no presente, saudoso do passado, projetando-se para o futuro; saber-se um, e ser obrigado a buscar outro que, por ser desconhecido, tanto fascina como repele. De forma que, nessa ânsia frenética, não vacila (o chamado é imperioso), já não é possível o estático da leitura silenciosa: monta no primeiro cavalo e se lança à procura. Se não sabe onde encontrá-lo, há que procurar; afinal, isso sinaliza o chamado do ser. Mas, sem objeto, é evidente não se tratar de mera procura, pois ele não sabe sequer o que procura. Parece que nos aproximamos de um ponto de ancoragem: D. Quixote só pode estar à pro-cura da Cura. Se nos reportamos a Heidegger, ele mesmo, ao descrever-nos o mito de Cura, em testemunho ontológico, nos autoriza a assim concluir: cura é a experiência do viver que acontece na própria existência entre nascimento e morte. Se só sabemos de sua morte, isso é outra questão. Ter já cinquenta anos e ser famoso como “*hombre de entendimiento*” também não importa; sua existência só se constrói sobre o abismo dos limites de sua própria não compreensão – o nada que lá no fundo subjaz.

## Segundo movimento: No misterioso lago, um olhar desejoso

Octavio Paz (1982) caracterizaria esse ímpeto de D. Quixote como desejo: “o que é esse contínuo projetar-se do homem para o que não é

ele mesmo, senão Desejo?” – um desejo de ser. Embora Heidegger não mencione o desejo em *Ser e tempo*, seria possível aproximá-los, considerando que, na base desse movimento de D. Quixote está a “compreensão” – um querer compreender. O mundo de D. Quixote é do tamanho de sua compreensão: quer mais compreender, quer mais ampliar seu mundo.

Eis que algo surpreendente e espontâneo acontece. Como um lampejo, só agora aconteceu. Tantos anos de vida vivida, tanta leitura, tanto ócio, e só agora o evento. Mas de que evento falamos? Falamos do nascimento de D. Quixote; por isso, está tão eufórico, não cabe em si, não suporta esperar. Pode parecer ridículo: o mundo, sem compreender, pode até criticar: nascer aos cinquenta anos? Entretanto, uma coisa desencadeia outra: “foi dada a partida”, uma vez nascido, é preciso fazer a travessia! Se só agora começa a ganhar corpo, não importa se aos cinquenta, precisa deixar marcada sua nova vida. Para justificar seu nascimento, que foge da linha ôntica do tempo, D. Quixote precisou virar ficção. Só a título de esclarecimento, esse é mais um item que não só aponta para Cura, como também serve para reforçar nossa suposição de seu perfil “filósofo” de que trataremos adiante. Um equívoco de tradução do mito pode ter feito D. Quixote optar por Cura como “formação”: “foi Cura quem primeiro o formou, ele deve pertencer à Cura enquanto viver” (Heidegger, 1998).

Voltando só um pouquinho: seria esse ímpeto de lançar-se na vida, exatamente o “*iarrójate!*”, que, neste caso, D. Quixote diz para si mesmo, como um convite a um mergulho mais profundo na obra? Isso, no entanto, parece contraditório porque mais mergulhado nos livros de cavalaria do que D. Quixote sempre estivera, impossível.

Esse trânsito da leitura para a vida, da situação estática para a dinâmica, coincide perfeitamente com a relação que estabelece Heidegger com o “existir”. D. Quixote é Alonso Quijana, sabe o ente que é, sabe que está em La Mancha. De La Mancha, D. Quixote movimenta-se para outro lugar, ocupa o lugar de leitor e, logo, algo começa a incomodá-lo; pressente ser, o incômodo, uma possível dúvida que tenha de si (desconfia que é outro, desconfia se é outro). Pois se sempre esteve tão próximo de si, como pode pensar que é outro? E se exaspera: “*Yo*

*sé quien soy!*". Sua constatação exasperada, no entanto, não afirma sua proximidade; ao contrário, o lança seduzido na direção do outro, por quem tem fascínio e horror. Mesmo assim, em meio a horror, dissimulação e fascínio, D. Quixote dá o salto. Tem, afinal, a coragem de abandonar a segurança da proximidade do lugar em que está para buscar-se em outro lugar. Estamos diante do "ex-", o "ex-" de "existir". Essa é a condição para a experiência de Cura; o primeiro passo é o lançar-se para fora de si, lançando-se no mundo. Afinal, o ser só se dá no mundo. Daí: "*iarrójate!*". Aliás, outro espanhol já o havia dito: "*se hace camino al andar*".

Quem sabe o "*iarrójate!*" não deu a D. Quixote a sugestão de uma outra leitura? Se abandonou aquela, é possível que ansiasse por outra. E foi do lugar de leitor que sentiu essa falta – um outro tipo de leitura. Vemos que, em seu lançar-se no mundo, D. Quixote bem pode aproximar-se do que chamaríamos meditação dinâmica. Quando nos surpreendemos repetindo, sem consciência, padrões indesejáveis, a terapia recomendada é um distanciar-se e observar-se. D. Quixote, ao sair do livro, muda de lugar – sai do lugar de leitor para o lugar de homem que age, ao mesmo tempo em que sai de si mesmo – a figura de Alonso Quijana que sempre fora, para a figura de D. Quixote. Percebe-se que ele está em processo de distanciamento de si. Para observar-se no mundo, precisa afastar-se de si. É como se, como louco, buscasse margem na qual se sustentar. Com muita proximidade não pode se ver; e D. Quixote precisa ler-se no mundo. Na vida vivida, é sempre mais fácil pegar da espada e sair lutando. Mais fácil ainda é fazer alterações, aquelas que, em suas leituras, estivera tentado a fazer: "*le vino deseo de tomar la pluma y dalle fin al pie de la letra*".

Estando à pro-cura da Cura, a travessia de D. Quixote não é direta nem linear, o que bem evidenciam suas três saídas. Elas marcam que o "outro" de que está à pro-cura não se mostra nem fácil nem totalmente. Daí, sua timidez, seus passos vacilantes na primeira saída. Por alguma via já recebera essa informação, caso contrário, não sairia "*por la puerta falsa de un corral*". Desde o início, presente algo de falso; presente e teme. Daí sua renitente pergunta ao longo de toda a obra: "*¿Habían de ser mentira?*". O avançar mesmo da história o instiga sempre a voltar

e D. Quixote volta, in-siste. E essa mesma pergunta, cortando toda a obra, indica que o voltar e o in-sistir se devem ao perguntar. Estaria D. Quixote equivocado no perguntar ou perdera a capacidade de questionar? Confrontado com o termo “*paso*”, usado por D. Quixote para marcar cada aventura imitada – “*le venía de molde para el paso en que se hallaba*” (Cervantes, p. 55), tem sentido a fala de Heidegger como um alerta: “A resposta à pergunta é como cada autêntica resposta, a saída derradeira do último passo de uma longa sequência de passos questionantes” (Heidegger, s/d, § 158). Supõe-se que D. Quixote ou não perguntava ou, mesmo quando perguntava, não sendo autênticas suas respostas, perdia o passo, claudicava na sequência questionante que o conduziria à Cura.

Essa é, talvez, a resposta para o conflito da leitura, conflito resolvido com a opção pelo viver a cavalaria. Poderia não estar encontrando, na leitura, respostas. Caso as “*inacabable(s) aventura(s)*” deixassem no aberto do inacabado a perspectiva do velamento, permitindo que D. Quixote, com seu perguntar, afirmasse seus espaços ainda não mapeados com seu compreender, ele não precisaria sofrer tanto “*por entenderlas y desentrañarles el sentido*” (Cervantes, p. 37), empresa impossível até para Aristóteles, diz o herói. Nesse caso, a obra passaria pelo próprio – seu autofiltro de verdade; e ele, experienciando essa verdade, ao contrário de sair lutando, realizaria, no máximo, o gesto do levantar a cabeça do livro, como identifica Roland Barthes. Acontece que intenções outras na promessa do “*inacabable*” acabam por vitimizar D. Quixote – “*perdía el pobre caballero el juicio*”; o coitado enlouquecia. Está explicada sua gana de “*tomar la pluma y dalle fin al pie de la letra*”. Precisava alterar o texto, o diálogo não se cumpria. Entretanto, não é isso o que ele faz, não altera o texto, optando por alterá-lo na vida real, pondo-o à prova (*Ibidem*, p. 29).

Ao entrar na ficção, sua atuação é bem definida. Se consciente ou inconsciente, no por à prova o material lido, o percurso de D. Quixote é uma sucessão de equívocos: “*fingere*” traduz-se como “*formação*”. Isso lhe vale a adoção na vida vivida dos mesmos procedimentos que lhe serviram na aquisição de todo o material lido. Se, para ele, as verdades da cavalaria foram assim apresentadas, eternas e imutáveis, ele assim

as fazia valer. Se moldado na metodologia do aprendizado, com igual procedimento pretende “*hacerse caballero para servir a su república*” (*Ibidem*, p. 31).

À “participação” inerente ao mito e ao sagrado “seguramente mais imperiosa e intensa [...] que a necessidade de conhecer ou de se adaptar às exigências lógicas” (Paz, 1982, p. 144), D. Quixote prefere a cópia, a imitação, o já descoberto; esquecera que a vida deve ser experienciada. Dizer que sua participação se dá no nível do “fazer” é dizer o óbvio. Como cavaleiro, seu procedimento é de pura ação. Essa avaliação, no entanto, deixa lacunas no que tange à sua faceta de “*hombre del entendimiento*”, onde a ação parece apagar-se. Percebe-se que há “outro” por trás do cavaleiro. Seria esse o “outro” de que está à procura? Não, esse outro é somente o filósofo. Mas ser filósofo é ser muita coisa. E é por isso que o vaidoso Quixote, ele mesmo, nos chama a atenção: “*Soy loco en mis acciones, mas no soy loco en lo que digo*”, transferindo o foco da ação para o falar. É nesse falar que se esconde o filósofo. Um falar que, no entanto, longe do agir do pensar, não “consoma”, não passa de “falatório”, como bem diria Heidegger.

Ao decidir lançar-se no mundo da cavalaria, acredita que isso basta para “estar lançado”, não percebe o equívoco. O “estar lançado” dispensa decisão, acontece sem escolha, é a própria condição do homem – “estar lançado” no mundo de realizações e de significações desde o nascimento, independentemente do espaço. Nesse caso, pode-se dizer que D. Quixote está duplamente no “impróprio”: o do mundo da cavalaria e o de seu mundo – um mundo cheio de dúvidas, mas também cheio de verdades. E é exatamente essa superposição que vai gerar os verdadeiros confrontos que convocam D. Quixote à luta, uma luta do falar, que dispensa lança e espada. Não nos iludamos, as lutas para desfazer “*tuertos y agravios*” era só o preço que precisava pagar D. Quixote para preservar, sem restrições, seu espaço de atuação naquele mundo.

Mesmo com seu perfil cavaleiro plasmado no imaginário de todos, mesmo com suas ações cavaleirescas paradigmáticas e disposto a se lançar na viva vivida, suas aventuras não têm nada de espontâneo. Quase sempre são premeditadas, matematicamente ajustadas ao modelo da cavalaria; ou eram, no máximo, consequência do seu falar cheio

de conhecimento. Pode-se dizer que D. Quixote fabricava aventuras. Por mais que a ideologia de reavivar o ideal heroico com a figura do cavaleiro encontre respaldo para justificar o fenômeno da leitura maciça de novelas de cavalaria, o próprio texto desconstrói tal justificativa, se lembrarmos que é num momento em que as frequentes guerras mobilizavam o povo espanhol à luta. Ela se desfaz no constrangimento da sobrinha, vendo seu tio lutando com o nada; perde sentido na avaliação de loucura que fazem todos os que estão no caminho de La Mancha, leitores inveterados todos, “*ratones de biblioteca*” iguais a D. Quixote. Ela se anula na indignada constatação de D. Quixote da impossibilidade mais radical de ser herói em seu tempo, como soldado ou cavaleiro, diante da “*fúria de aquestos endemoniados instrumentos de guerra*” – “*diabólica invención*”, pois “*la pólvora y el estaño me han de quitar la ocasión de hacerme famoso y conocido por el valor de mi brazo y filos de mi espada*” (Cervantes, p. 397).

Não deixemos de mencionar, no entanto, a providência de D. Quixote, digna de louvor: mesmo à mercê do estabelecido mundo das novelas, cuida sempre de deixar uma brecha que lhe dê mobilidade. Assim foi com a escolha do cavaleiro que queria ser. Talvez prevendo o risco de ser por esse outro tragado, não escolhe Amadis; escolhe um cavaleiro sem perfil delineado, pois sabe que muita proximidade é um risco e, assim, prefere manter a devida distância. Tanto temor e cuidado não o liberaram, no entanto. Por mais que estivesse de olho no cavaleiro, não escapou do outro. Também, naquela agitação, como poderia perceber o dano maior – o conhecimento que tinha?

Ao transferirmos o foco da ação para o falar, inevitável será uma abertura ao diálogo. Afinal, essa é a marca característica do romance: tantos falares, tantas histórias, tanta conversação. Antes, porém, voltemos nosso olhar para um ingrediente importante de Cura – a errância.

Sem confundirmos seus equívocos com erros por sua personalidade “agitada e inquieta”, a travessia de D. Quixote é errante; é um “vaivém”. Desde sua primeira saída sorrateira e silenciosa até a derrota para o cavaleiro de “La Blanca Luna” que o obriga a retornar a casa para, finalmente, morrer, D. Quixote insiste no ser ente-cavaleiro que insiste experimentar a vida cavalheiresca, afastado do mistério das coisas,

dirigindo-se “para a realidade corrente”, correndo “de um objeto para outro”. Entretanto, Heidegger afirma ser essa marcha errante “componente essencial da abertura do ser-aí”, porque, só na errância, o homem está desgarrado, único modo possível de livrar-se do desgarramento. Sabedores dessa verdade, arriscaríamos aproximar temor – um modo de ser da pre-sença – e desgarramento. O temor do desgarrar-se de si se explica pela ameaça da dúvida de não chegar a ser, nem a saber; se explica pela ameaça do vazio. A experimentá-lo, melhor ancorar-se nas certezas. Isso fica patente na fala de D. Quixote, que procura, com a ajuda de Sancho, agarrar-se às certezas do que sabe de si, cheio de dúvidas e já temeroso do desgarramento:

*dime por tu vida: ¿has visto más valeroso caballero que yo en todo lo descubierto de la tierra? Has leído en historias otro que tenga ni haya tenido más brío en acometer, más aliento en el perseverar, más destreza en el herir, ni más maña en el derribar?* (Ibidem, p. 91).

E, desse modo, em meio a ocupações e pre-ocupações, D. Quixote, temeroso do desgarrar-se, se coloca no mundo. Isso o obriga a “ocupar-se das coisas” do mundo, a “pre-ocupar-se-com as pessoas” do mundo, num contínuo lançar-se para fora: era a “*República de España*”, era o “*muchacho Andrés*”, eram os “*galeotes*”, eram damas, viúvas e princesas, o outro que procurava. Entretanto, quanto mais lançado no mundo, mais o assediava o ser. Se queremos aproximar-nos desse tenso e fascinante jogo, desse “vaivém” – “fora-dentro” –, indispensável será o diálogo. Em D. Quixote, esse jogo fica visível no diálogo. Sua importância é tal que se chega a afirmar que a obra só tem início quando Sancho é convidado para servir ao cavaleiro como escudeiro, exatamente por sua condição de promotor do diálogo.

### Terceiro movimento: De que lugar vem essa voz?

Quando D. Quixote irrompe com – “*no soy loco en lo que hablo*”, sua irritação já indicia os embates que seu falar está enfrentando. Sua

trajetória começa a dar sinais de conflito, sua verdade começa a ser questionada, porque não se enquadra nas mudanças já sinalizadas por sua época. Mas não podia ser de outro modo; afinal, havia empirismos, nominalismos, relativismos demais, disputando, cada um, seu lugar de verdade. D. Quixote, contudo, tal é a confiança em suas rígidas certezas, o ignora, algumas vezes, quando, por exemplo, exige que reconheçam ser Dulcinea a mulher mais linda do mundo, e seu querer é rejeitado, por não dispor D. Quixote, no mínimo, de uma foto que pudesse garantir-lhes a legitimidade do que afirmassem. Entretanto, o cavaleiro-filósofo, inconformado, segue adiante em seu ponto de vista: “*La importancia está en que sin verla lo habéis de creer, confesar, afirmar, jurar y defender*” (*Ibidem*, p. 53). Em determinados momentos, D. Quixote dá sinais de fragilidade, como no confronto “*bacia-yelmo*”. Depois de muito insistir, mas já temendo o desgaste, acaba confessando estar confuso: “*ponerme yo agora en cosa de tanta confusión a dar mi parecer, será caer en juicio temerario*” (*Ibidem*, p. 467).

Consideremos a metodologia do aprendizado com que D. Quixote, típico homem do renascimento, dividido entre “*las armas y las letras*”, fora formado. Em sua atuação no mundo, seu conhecimento devia ser selecionado e transmitido na mesma medida – de tal maneira que não permitisse questão, nos mesmos moldes da comunicação e da informação. Desse modelo ficam excluídos emissor e receptor com suas singularidades. Sua participação no circuito é meramente formal. Imbatível é o código que ocupa lugar principal. Não fora difícil, no entanto, para D. Quixote, captar o essencial de cada objeto do conhecimento e separá-lo daquele mar de incertezas. O mesmo fizera na disposição criteriosa de seu instrumental cavalheiresco. Cada coisa é perfeitamente ajustada ao seu nome: “*nombre, a su parecer [...] significativo, como todos los demás que a él y a sus cosas había puesto*” (*Ibidem*, p. 33). E é assim que tenta intervir em seu mundo incômodo e inconsistente. Todo o conhecimento da cavalaria, diz D. Diego de Miranda, “*se hallarían en el pecho de vuesa merced como su mismo depósito y archivo*”, arquivado em seu peito, como placa de computador (*Ibidem*, p. 679). Selecionamos algumas situações em progressão crescente de flexibilidade dialógica, em que D. Quixote se apresenta de diferentes modos.

Primeiro diálogo. Falando do amor que a todos iguala, D. Quixote convida Sancho para participar da refeição em grupo, junto com outros, com o intuito de comprovar sua teoria da igualdade. Ao dispensar o convite, Sancho, preferindo comer só, diz: “*mucho mejor me sabe lo que como en mi rincón, sin melindres ni respetos, aunque sea pan con cebolla*”. Isso foi o suficiente para D. Quixote não só rejeitar sua decisão e argumento, como para assim reagir: “*Con todo eso, te has de sentar, porque a quien se humilla, Dios le ensalza [...] y, asiéndolo por el brazo, le forzó a que junto dél se sentase*”, obrigando-o a sentar e a comer (*Ibidem*, p. 97).

Segundo diálogo. No capítulo 8, em seus ímpetos de prestar reverência a Dulcinea, D. Quixote obriga um cortejo a mudar seu percurso: “*qué volváis al Toboso*”. Seu radicalismo é tal que acaba lhe valendo um desafio para luta por parte “*del vizcaíno*”, que por ali passava e ficara indignado com a arrogância do cavaleiro. Ser portador da verdade a tudo o autoriza. E D. Quixote “*sacó su espada*”, chegando ao extremo do risco da morte.

Terceiro diálogo. Nada supera em qualidade o seu “*bálsamo de Fierabrás*”, mesmo tendo testemunhado as consequências drásticas que trouxera para Sancho um dia. Tempos depois, com a orelha ferida e sem dispor da droga oficial da cavalaria, um homem simples, um mero “*cabrero*”, sem grandes conhecimentos que o igualassem a D. Quixote, prepara-lhe uma receita perfeita e eficaz: “*Y tomando algunas hojas de romero, de mucho que por allí había, las mascó y las mezcló con un poco de sal, y aplicándoselas a la oreja, se la vendó muy bien, asegurándose que no había menester otra medicina; y así fue la verdad*” (*Ibidem*, p. 102). Em apenas três linhas, muito foi trazido para a zona de respostas. Embora D. Quixote tivesse o remédio para curar suas feridas, é no cotidiano que outras possibilidades podem se mostrar. A verdade é o que se mostra, não o que, num dado momento, ficara comprovado como “claro e distinto”. A “folha de alecrim” e sua fatura mostram tanto que o ser se dá na espontaneidade do mundo, como que as possibilidades do ser são infinitas, e que, a cada passo, as coisas pulsam em mistério para serem revisitadas.

Quarto diálogo. Pedro, “*un cabrero*”, detinha mais conhecimento que D. Quixote. A curiosidade, característica de todos os que na obra circulam, coloca até D. Quixote dependente de detalhes curiosos sobre

a morte de Grisóstomo. Mas D. Quixote, sem desarmar-se do filósofo, interfere, a todo momento, corrigindo-lhe as falhas linguísticas. E diante do vocábulo “*sarna*”, D. Quixote, “*no pudiendo sufrir el trocar de los vocablos del cabrero*”, o corrige, exatamente no momento em que essa palavra é usada corretamente. Diante da irritação de Pedro, que ameaça não seguir com o conto, D. Quixote, além de reconhecer seu erro dizendo “*vos respondisteis muy bien*”, lhe pede desculpas – “*Perdonad, amigo*” – com um último pedido de paz: “*proseguid vuestra historia, que no vos replicaré más en nada*” (*Ibidem*, p. 106).

Quinto diálogo. No mesmo capítulo em que obriga Sancho a se sentar para comerem juntos, a reunião com os “*cabreros*” termina com música. Antonio, “*un cabrero*”, depois de muito cantar, decide encerrar sua apresentação. D. Quixote, decepcionado, lhe pede que cante mais, até que Sancho, surpreendentemente cortante, não o consinta: “*no lo consintió Sancho Panza porque*”, além de estar “*más para dormir que para oír canciones*”, aqueles “*buenos hombres*” tinham que trabalhar no dia seguinte e não podiam passar “*las noches cantando*”. A sabedoria prática de Sancho supera, nessa situação, o conhecimento de D. Quixote – sabedoria à qual seu amo acaba sucumbindo. Aqui, é Sancho quem dá a última palavra.

Na seleção, tivemos o cuidado de deixar claros os extremos. Começamos e finalizamos com a radicalidade que caracteriza o primeiro e o último diálogo. Auxiliados por Manuel Antônio de Castro, que nos oferece sutis contornos para os diversos tipos de diálogo, damos a última palavra: o verdadeiro diálogo com o outro não permite apropriação. Para tal, outra é a dinâmica: havendo real proximidade e identidade, essa proximidade identificatória deve percorrer caminho mais longo. Ao ser recebida pelo “tu”, deve transitar no auto-espço do tu-interlocutor, fazendo-se primeiro autodiálogo no “entre o que é e o que não é”, acionando a escuta originária com o outro. Inicialmente, D. Quixote, com a responsabilidade de perpetuar o conhecimento que atendia aos interesses de “*la república cristiana*”, sai pelos caminhos impondo suas certezas. Estava temerosíssimo de perder-se de si, porque ao mesmo tempo em que ansiava pelo outro que não era ele mesmo, para ele se lançava e dele se afastava, por não identificá-lo. Não abandona os conceitos que

o sustentavam, protegendo-se do risco do vazio total. Faltava-lhe ainda descobrir-se possibilidade no outro, mas não como superposição do “tu” do outro, como acontecera-lhe. D. Quixote, entretanto, fiel e diligente em sua pro-cura, tanto in-sistiu que acabou sendo tocado por um experienciar radical, obrigando-o a ceder à busca. Talvez, quanto mais o rondava a solidão, mais se rendia ao jogo da proximidade. O excesso de vida vivida, não experienciada, lhe havia negado acesso à dinâmica do diálogo. Mas aprendeu, enfim, a administrar igualdade-diferença, proximidade-distância, de tal modo que descobre que, antes do outro do outro, há um outro mais próximo, e que, para identificá-lo, basta o silêncio da escuta.

Parece que estamos nos aproximando do fim. E Cura tem fim? Essa é a única pro-cura que nunca termina. Nós é que precisamos apressá-la. Por isso deixamos de lado o “falatório”, o “escritório”, a “curiosidade”, a “ambiguidade”, “a decadência” – todos ingredientes de Cura. Se até então D. Quixote experimentara o “tédio”, tanto as novelas de cavalaria como sua rede conceitual, tecida rigidamente com um arsenal de certezas, foram sua muleta de sustentação, a brecha por onde sempre procurava escapar, quando o sentimento de vazio se insinuava. Ou D. Quixote escapava lendo à exaustão, preservando-se do enfrentamento com o nada avassalador, ou, se depois de alguma ação cavalheiresca, algum dado de sua realidade ou alguma crença era ameaçada, ameaçando-o de se desgarrar do que lhe era seguro e familiar, D. Quixote não se deixava abater. Sem se abrir a novas experiências, ele utilizava a mesma estratégia para não se enfrentar radicalmente com o ser. Ao contrário, in-siste in-sistentemente, reproduzindo as ações de seu projeto cavalheiresco ao infinito. Mas tantas idas e vindas tanto atritaram as malhas de sua rede que já não havia em que se sustentar. Pouco a pouco, a constatação foi inevitável: o vazio se fez presente e, finalmente, foi pego pela angústia.

#### Quarto Movimento: Enfim, o salto mortal

Embora Heidegger não dê formas específicas de configuração para a “angústia”, Cervantes contemplou-nos com a visibilidade dessa expe-

riência: “*se le arraigó una calentura que le tuvo seis días en la cama*”, uma rara e altíssima febre (*Ibidem*, p. 1099). Entretanto, dois pontos são importantes: primeiro porque a experiência da angústia rompe o círculo repetitivo das ações cavalheirescas franqueado pelo tédio; depois, porque essa experiência é tão radical que deixa patente o seu valor. A angústia é arrebatadora, chega sem avisar “*cuando él menos lo pensaba*”. Na “angústia” há um esvaziamento total, desmorona-se o edifício de certezas. É o fim da linha, já não há para onde escapar: “*llegó su fin y acabamiento*”, deixando bem transparente em D. Quixote “*el verse vencido*”. “*Como las cosas humanas no sean eternas, yendo siempre en declinación de sus principios hasta llegar a su último fin*” – “*ya en los nidos de antaño no hay pájaros hogaño.*” (*Ibidem* p. 2)

Essas duas frases cobrem toda a extensão de Cura, evidenciando-a como processo de transformação do qual participa o homem. Tanto os advérbios “*antaño*” e “*hogaño*”, como as preposições “*de*” e “*hasta*” e os substantivos “*principio*” e “*fin*” se reduplicam em outras falas de D. Quixote: “*Yo fui loco y ya soy cuerdo*”; “*fui don Quijote de la Mancha, y soy agora [...] Alonso Quijano el Bueno*”, deixando bem marcada a linha divisória entre um “antes” e um “depois”. E não para aí a radicalidade da transformação. Como fidalgo-cavaleiro-fidalgo, D. Quixote toma a “de-cisão” de ser pastor: “*había pensado hacerse aquel año pastor y entretenerse en la soledad de los campos*” (*Ibidem*, p. 1096), avisando-nos até da mudança de perspectiva de sua solidão: antes niilista, agora plena.

Mais importante ainda é o papel da morte. Sua clara e marcante presença na obra faz com que cresça em significado e sentido. A bem da verdade, não era necessário que D. Quixote morresse; no entanto, não só morre, como tem urgência de morrer: “*me voy muriendo a toda prisa*” (*Ibidem*, p. 1101). Isso acontece porque é preciso fechar o ciclo de Cura – nascimento-morte. Observem-se “*muerto naturalmente*” e “*hubiese muerto en su lecho tan sosegadamente*”: os dois se implicam. Morrer naturalmente significa morrer sem ter, de algum modo, antecipado a morte. Só morre assim quem tem a consciência de ter esgotado a pro-cura; quem tem a consciência de estar de posse de si, no limite máximo de sua propriedade, quem tem a consciência do cumprimento da travessia, porque cumpriu perfeitamente o ciclo da Cura. Só assim

pôde D. Quixote morrer tão sossegadamente em seu leito. O fidalgo-cavaleiro-manchego teve o que Heidegger denomina “uma boa morte”. Fica, então, explicado o epitáfio em sua sepultura: “*Yace aquí el hidalgo fuerte que a tanto extremo llegó de valiente, que se advierte que la muerte no triunfó*” (*Ibidem*, p. 1105). O adjetivo “*fuerte*” e o substantivo “*extremo*” dão a perfeita dimensão da travessia de D. Quixote. Nasce aos cinquenta porque só nesse momento começa a ganhar corpo. Não corpo físico, pois esse já tinha desde o nascimento biológico; não o corpo racional, porque o homem não é natureza nem razão; mas o corpo-preenchimento do oco, do vazio. No experienciar a vida, ele preencheu-se, “consumou-se” e ficou forte.

Mas a que lugar chegou D. Quixote afinal? Depois das duas saídas em que volta para casa, ou por contingências da própria cavalaria, ou para atender à necessidade controladora de seus parentes e vizinhos, D. Quixote volta pela terceira vez. Dessa vez, por pura de-cisão, aproximase de modo natural “*a una aldea que está aquí cerca, de donde soy natural*” (*Ibidem*, p. 1089). Com esse regresso espontâneo, o lugar de onde saiu ganha outra dimensão. Já não é o espaço físico-ôntico de sua casa “*en la Mancha*”: é o espaço ontológico – o seu lar. Para sermos mais precisos, não é um espaço, é um lugar: nem aqui nem ali, nem “eu” nem “tu”, nem este nem aquele; é “outro” lugar. Quão desatentos fomos! Ao provocar D. Quixote, a voz misteriosa do lago já havia indicado o lugar – “*del medio del lago sale una voz*”. E D. Quixote obedeceu: “*encomendándose a Dios y a su señora, se arroja en mitad del bullente lago*” (*Ibidem*). É na metade, é no meio que é o lugar. É no “entre”, no “entre-ser, o “entre-lugar”. Nem é no primeiro nem no segundo; mas no terceiro lugar. O lugar de D. Quixote, o lugar de todo homem.

## Referências bibliográficas

CASTRO, Manuel Antônio de. A poética do diálogo. Rio de Janeiro: Mimeo, 1997.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. Madrid: Santillana, 2004.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo (parte I e II)*. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. Carta sobre o Humanismo. In: \_\_\_\_\_. *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1974.

\_\_\_\_\_. *O originário da obra de arte*. Tradução Manuel Antônio de Castro e Idalina A. da Silva. Mimeo, s/d.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Tradução Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

*Resumo*

Vítima da massificação produzida pela leitura de novelas de cavalaria, D. Quixote perde-se de si mesmo. Sai da figura do fidalgo, abandona sua casa e parte buscando “outro” em “outro” lugar. À pro-cura da cura, D. Quixote, querendo apropriar-se do que lhe é próprio, mas in-sistente na representação inquieta e agitada de um cavaleiro, desviando-se do mistério da vida, cai em errância até que a experiência da angústia o reconduza espontaneamente ao seu lugar de origem – o seu lar, espaço ontológico onde ele habita.

*Palavras-chave*

Cura; próprio; mistério; errância.

*Recebido para publicação em*  
14/10/2009

*Abstract*

Deeply involved by the massification produced by the reading of chivalry novels, Don Quijote lost himself. He forgot himself as a noble, left his house and went searching “another” being in “another” place with the intention of finding the cure for himself. In the process of searching, he insisted in getting what he already owned in the anxious and troubled figure of a knight. Avoiding the mystery of life, he became an errant until the experience of the anguish led him naturally back to the place of his origin – his home. The ontological place where he lived in.

*Keywords*

Care; self; mystery; straying.

*Aceito em*  
25/01/2010